

O ESTADO DE S. PAULO

30 de março de 2023

Classe média: presa fácil dos populistas

José Pastore

O recém-lançado livro de Moisés Naím (*A Vingança do Poder*, Cultrix, 2023) mostra à exaustão o estrago que populismo vem provocando nas democracias modernas, da Argentina aos Estados Unidos, passando pela Venezuela, Hungria, Turquia, Filipinas e Brasil.

O que explica a ascensão dos populistas em sociedades tão diferentes? Naím atribui o fenômeno à tecnologia, demografia, urbanização, informação e globalização. Não disputo essa etiologia, mas, quero me deter no papel das tecnologias nas mudanças das profissões e no mercado de trabalho em geral.

As primeiras tecnologias substituíam o trabalho manual e repetitivo. Mas, de repente, passaram a substituir o trabalho intelectual e criativo. Ao entrar nesse campo, começaram a destruir muitas profissões de classe média. Nos últimos vinte anos, a classe média da Europa encolheu 7,77%; a classe alta aumentou 1,58% e a baixa 6,19%. É a chamada polarização do trabalho. Entre nós, 27% dos brasileiros desceram na escala social.

O que a tecnologia tem a ver com o encolhimento da classe média e com o populismo? Dou como exemplo a entrada da automação no almoxarifado de um grande supermercado e a substituição do trabalho do gerente (de classe média), pelo controle do estoque realizado pelo caixa que registra as vendas. A maioria desses gerentes desce na estrutura ocupacional e na própria estrutura social. Quem nunca tomou um Uber dirigido por um engenheiro?

A mobilidade descendente é um processo doloroso, que gera decepção, desilusão e desgosto. Frustradas, as pessoas são presas fáceis dos populistas que prometem restaurar o mundo perdido e abrir um mundo novo. Mas, com o uso e abuso do assistencialismo, eles arrasam a economia e corroem as instituições.

Ou seja, a modernização tecnológica impacta a estrutura social ao promover poucos e rebaixar muitos. Com isso, a sociedade vira em um caldo de cultura ideal para a propagação do populismo.

É um problema muito complicado, pois, a última coisa a fazer é demonizar as tecnologias que promovem o crescimento econômico e melhoram as nossas vidas. As soluções terão de ser buscadas em uma regulação inteligente e, sobretudo, na melhoria da qualidade da educação. Daqui para frente, as pessoas terão de se educar a vida toda – fácil de escrever e difícil de fazer.

José Pastore é professor da FEA-USP, membro da Academia Paulista de Letras e Presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomercio-SP.